

Antropologia visual, mito e tabu

Por que tantas reservas e até uma verdadeira resistência por parte da Antropologia Social e dos antropólogos que a fazem, em encarar mais positivamente a antropologia visual, outorgando um status científico à pretensão que ela tem de poder, também, observar e investigar, descrever e compreender visualmente os fatos humanos que registra?

Sem dúvida, se reconhece aos multimeios modernos (som, fotografia, vídeo, cinema) utilizados

nas Ciências Sociais um valor ilustrativo claro. Dir-se-á que os documentos audiovisuais representam "suportes", "coadjuvantes", "complementos" não somente necessários mas imprescindíveis para a Etnografia. Admitir-se-á até que o audiovisual é um instrumento ou um meio indispensável para a *pesquisa* etnológica. Reconhecido isto, o que vem a significar este "muito bem" que precede sempre um "porém", o qual parece ser a palavra final quando se trata de (re)pensar o status não meramente ilustrativo mas também científico de uma antropologia visual que, reconhecemos, tem ainda que conquistar suas credenciais?

Tal problemática toma contornos mais claros quando se pergunta sobre as razões de tão parcimoniosa utilização, até hoje, dos filmes etnográficos na formação do futuro antropólogo. O que pensar ainda desta discrição — para não dizer desta timidez — com que os mais sensíveis antropólogos ilustram ou complementam visualmente as centenas de páginas monográficas que escrevem? Paradoxalmente, no entanto, todos saberão reconhecer que ficarão interpelados pelo empreendimento pioneiro que Gregory Bateson e Margaret Mead realizaram na década de 40, quando procuravam, diretamente através de recursos fotográficos, entender o *ethos* e o caráter balinense (1). Quantos trabalhos desta natureza, porém,

(*) Ligeiramente remanejado, esse trabalho foi apresentado por ocasião da 13.ª Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), realizada de 23 a 26 de março de 1986 — Curitiba —, a convite das professoras B. G. Ribeiro, Lux Vidal e Maria Heloisa Fenelon, responsáveis pelo grupo de trabalho "Antropologia Estética e Ergologia". Queremos agradecer-las sinceramente.

(1) BATESON, Gr. e MEAD, M., *Balinese Character: A Photographic Analysis*, New York (New York Academy of Sciences. Special Publication), 1942.



“Técnica de erotismo” — De Lo Duca

foram publicados no decorrer desses últimos cinquenta outros anos? E por quê?

Reformulamos assim a questão inicial nesses termos: quando, como e em função de quê vamos reavaliar e considerar que os meios audiovisuais, os multimeios, podem ser meios autônomos de pesquisa antropológica e não apenas coadjuvantes técnicos ilustrativos?(2) Colocando a questão a nível acadêmico, poder-se-ia parafrasear a admiração ou a visão profética de A. Leroi-Gouhran quando, já em 1948(3), escrevia algo parecido com o que diremos a seguir: quando será que aquilo que um antropólogo escreve com a película sobre um assunto dado, será aceito como dissertação ou tese final de doutorado?

Como explicar assim o fato de que “os que mais apelam para a cientificidade, sejam também os últimos a se aproveitar de uma instrumentação que podia oferecer à Antropologia o que esta já houvera trazido a outras ciências”(4)? Responder a esse conjunto de indagações não é simples. Propomo-nos aqui todavia abrir alguns caminhos críticos a nossa reflexão.

Como Margaret Mead(5), cremos que não se pode minimizar o fato de que fotografar ou realizar um filme exige uma competência, uma habilidade, um treinamento maior que o simples fato de gravar com o magnetofone ou de tomar apontamentos num caderno de campo. Mas que os antropólogos não se aproveitem logo deste argumento para tentar justificar sua ausência num campo onde se espera deles, não diretamente a qualidade técnica e artística, e sim o registro singular e sempre privilegiado de acontecimentos humanos que presenciam. Acrescentamos aliás que os consideráveis avanços técnicos recentes (automatização das máquinas, sensibilidade ampliada das películas, miniaturização das filmadoras de vídeo em particular) aumentaram e muito as chances dos que poderiam se julgar menos dotados.

Margaret Mead levanta ainda uma outra desculpa ao que ela chama de “nossa criminal negligência” no tocante à utilização dos recursos visuais: o alto custo, em termos de tempo e de dinheiro, de tais produções e realizações, torná-las-ia impraticáveis(6). Complementando esta constatação, vale a pena lembrar que a autora americana, juntando com outros pesquisadores os fundos que lhes alocavam diversas instituições, tinha conseguido, 40 anos antes, realizar com Bateson, em Bali, uns 25.000 instantâ-

neos Leica e alguns 22.000 pés de filmes-16mm(7)! Resta que tem razão de nos alertar veementemente e nesses termos: “Os astrônomos não renunciaram à astronomia com a aparição dos melhores telescópios, os físicos à física quando precisaram de um ciclotron, os geneticistas à genética por causa de um microscópio eletrônico. Cada uma dessas disciplinas, para se tornar eficaz, deu resposta a suas crescentes necessidades, enquanto que a antropologia negligenciou esquecer seu capital instrumental”(8).

As duas “explicações” que acabamos de apresentar, por importantes que sejam, não o são, todavia, a ponto de poder justificar uma tomada de posição que, a nosso ver, esconde algo de culturalmente grave e por que não dizê-lo, de etnocentricamente insustentável: “O esmagante ‘parti-pris’ verbal da Antropologia” (9) e sua fixação fetichista para com a “escrita”. Fetichismo esse que não é particular à ciência antropológica mas típica de uma tradição cultural europeia que, desde a aparição da “Galáxia de Gutenberg” (10), só conseguiu se cristalizar. Não iremos evidentemente contestar nem minimizar a importância dessa conquista humana. Mas como escrevemos num outro contexto, será que aquilo que, seguramente, a humanidade soube alcançar com a escrita, não nos levou a esquecer paulatinamente e, em certos casos irremediavelmente, o que podíamos também criar e entender *com originalidade* quando não sabíamos ainda ler e escrever (11)? Nesse contexto, a oralidade e a visualidade perderam o seu direito à “Ciência”. Os que não sabiam escrever só podiam ser analfabetos. Os outros, com suas máquinas de filmar, não passavam de “artistas” e de “visionários”, já que o monopólio da Ciência pertencia aos letrados: esses escreviam e tinham seus livros!

Nesta mesma ordem da reflexão sobre a existência de um etnocentrismo nunca confessado, pergunta-se também até onde o campo das produções materiais e utilitárias, artísticas e estéticas — as quais se definem geralmente pelo enorme potencial *visual* que oferecem — foi verdadeiramente contemplado e pensado pelas Ciências Sociais, enquanto canal expressivo das culturas humanas. *Descrever* com efeito um cocar indígena, os motivos de uma pintura corporal, as fachadas de uma rua comercial de São Paulo ou o vestuário de um dark-neo-punk metaleiro não significa necessariamente que se tenha esgotado o poder significativo de realidades antes de mais nada “mostradas”, capazes de “ser vistas” e pertencendo a um universo sócio-visual. Deste ponto de vista, há de se reconhecer que, fora algumas brilhantes ex-

(2) COPANS, J., *Critiques e Politiques de l'Anthropologie*, Paris (Maspero) 1974, p. 69, apresentando o trabalho de J. COLLIER Jr. *Visual Anthropology: Photography as a Research Method*, traduzido em língua portuguesa: *Antropologia Visual: a fotografia como método de Pesquisa*, São Paulo (EPU/EDUSP), 1973 (or. inglês: 1967).

(3) LEROI-GOURHAN, A., “Cinéma et Sciences Humaines. Le Film ethnologique existe-t-il?” in *Revue de Géographie Humaine et d'Ethnologie*, Paris, 3 (1948) 42-50. Veja p. 47 e 50.

(4) MEAD, M., “Visual Anthropology in a Discipline of Words”, in *Principles of Visual Anthropology* (Paul Hockings, Ed.), Den Haag-Paris (Mouton), 1975, p. 3-10, aqui p. 10.

(5) MEAD, M., “Visual Anthropology in a Discipline of Words”, p. 5.

(6) ID., *Ibid.*, p. 6.

(7) BATESON, Gr. e MEAD, M., *Balinese Character*, p. 49. Veja também MEAD, M., *Ecrits sur le vif. Lettres 1925-1975*, Paris (Denoel-Gonthier), 1980, p. 117-185.

(8) MEAD, M., “Visual Anthropology in a Discipline of Words”, p. 6.

(9) DE BRIGARD, E., “The History of Ethnographic Film”, in *Principles of Visual Anthropology*, p.21-22. Veja também MEAD, M., “Visual Anthropology...”, in *Ibid.*, p.15.

(10) Mc LUHAN, M., *A Galáxia de Gutenberg*, São Paulo (Ed. Nacional), 1972, e também *Os meios da comunicação como extensões do homem*, São Paulo (Cultrix), 1974.

(11) SAMAIN, Et., “Reflexões críticas sobre o tratamento dos mitos” in *Revista de Antropologia*, vol. XXVII/XXVIII, São Paulo (1984-85), p.241.

cepções (12), parece-nos que os historiadores, os psicólogos, os semiólogos e os filósofos tenham-nos claramente precedido e superado no terreno de um reconhecimento que seria dos mais profícuos para as Ciências Sociais. Dito isto, é de se esperar, no entanto, que a Antropologia possa também revisitar essas fontes seculares da criação e da comunicação humana, precisamente no momento em que nosso mundo entrou resolutamente numa nova galáxia: a dos multimeios. Resta para fazer, sim, toda uma antropologia do “Homo visualis”, tanto a nível das sociedades ágrafas como a nível das nossas sociedades que, seja dito de passagem, já deveriam ser qualificadas de “pós-letradas”.

Gostariamos de ir mais adiante nesse percurso reflexivo, apontando desta vez para o fato de que, tanto a antropologia verbal como a antropologia visual não foram, até hoje, capazes de *relativizar* suas pretensões comuns em observar, compreender e interpretar os fatos de cultura. Essa rigidez para não falar de críspação, batizada de “científica” vem do fato de ambas não terem procurado entender o que, cientificamente, as tornava *complementares*. Pensar com efeito que bastaria rodar um filme para fazer antropologia ou uma “outra” antropologia, seria uma ilusão na qual nenhum antropólogo sério incorreria. Bateson e Mead, antes de publicar *Balinese Character*, tinham observado diretamente, meses a fio e na perspectiva de uma antropologia tradicional, as maneiras de ser do povo balinense. Tinham todavia entendido que suas descrições verbais nunca poderiam alcançar aquilo que uma apreensão visual do *ethos* balinense chegaria a desvendar e a dizer.

A questão que se coloca desta maneira não é a de suspeitar o projeto de “cientificidade” da antropologia verbal, e sim de alertá-la sobre as *novas perspectivas de trabalho* que a antropologia visual lhe proporciona. Pois, ao fazer tal reavaliação, descobrir-se-á que não é mais e apenas o olho humano que capta e tenta reproduzir, numa língua escrita, o que viu; descobrir-se-á também que o olho mecânico, ao termo de um registro direto, possibilita rever — com os filmados ou à luz de novas teorias — de modo crítico e quase que infinitamente, os dados e documentos recolhidos. Descobrir-se-á ainda que esse olho permite descrever ordens de fatos dificilmente exprimíveis pela palavra ou pôr em relevo outros tantos fatos que uma observação direta nunca poderia abranger. Serão ainda os produtos deste “olho novo” que, por ter conseguido preservar para a posteridade aspectos de nossas culturas em constante mutação, não somente tornarão possíveis uma leitura da dinâmica sócio-cultural dos povos, mas servirão de meios e de canais para um intercâmbio cultural mais amplo entre os próprios grupos envolvidos.

Entretanto, não seria de nosso propósito confinar a antropologia visual ao registro de atividades corporais (tais como posturas e movimentações espaciais de participantes durante um ritual) ou materiais (como trabalhos artesanais e atividades estéticas), e sim chamar a atenção para o fato de que a antropologia visual pode contribuir a um redimensionamento de campos aparentemente mais abstratos da Antropologia em geral, tais como o parentesco, a política, a economia, a organização social e até o campo das ideologias.

Mas como pretender realizar tais incursões novas a não ser apostando numa versão da Antropologia que abra espaço a uma vertente experimental, consciente de seu projeto como dos percalços e dos acasos de sua procura. Tal perspectiva experimental não tem sido muito usual na Antropologia a não ser acidentalmente. Entretanto seria de grande valia na medida em que poderia gerar novas posturas metodológicas.

Por falar de questões metodológicas (13), há de se reconhecer que a antropologia visual tem se ressentido até hoje da falta de discussões mais aprofundadas. À guisa de conclusão, parece-nos que alguns pontos são relevantes para refletir a questão em pauta. Seriam eles:

1. Repensar o conjunto metodológico que a Antropologia nos ofereceu até o momento, face às especificidades que a antropologia visual pode também nos proporcionar.

2. Procurar criar um espaço no trabalho antropológico que permita a experimentação de um “novo fazer” gerando subsídios necessários à elaboração de metodologias específicas do uso dos multimeios nesse campo.

3. Tal elaboração não poderá ser desvinculada, pensamos, de uma profunda reflexão sobre a lógica do visual, a qual não pode ser equiparada de antemão à lógica da escrita e da oralidade.

(13) Numa próxima contribuição, voltaremos sobre esse assunto específico que procuramos desvendar um pouco, no 2º semestre de 1986, no quadro da disciplina “Métodos e técnicas de pesquisa em Multimeios”, no âmbito do Mestrado em Multimeios recém-implantado na Unicamp-SP.

(12) Sem falar aqui dos trabalhos de Fr. Boas, Cl. Lévi-Strauss, Meyer Schapiro... sobre a arte, remetemos a algumas contribuições brasileiras que ficam muito sensíveis a tais problemáticas: RIBEIRO, B. G., “Arte Indígena, linguagem visual”, in *Ensaio de Opinião*, vol. 7, 1978, p. 101-110; MÜLLER, R.P., *A pintura do corpo e os ornamentos Xavante: arte visual e comunicação social*, Campinas, Unicamp, 1976 (manusc.); VIDAL, Lux., “A Estética dos Índios”, in *Ciência Hoje*, vol. 4, n.º 21 (Nov./Dez. de 1985) 58-65. Consultar-se-á as significativas bibliografias oferecidas por essas autoras assim como o importante trabalho recém-publicado, organizado por B. G. RIBEIRO, *Suma Etnológica Brasileira*, em particular o vol. III: *Arte Índia*, Petrópolis (Voices/Finep), 1986.

Etienne Samain e Hélio Solha são professores do Departamento de multimeios do Instituto de Artes da Unicamp e fazem parte do	grupo de trabalho “Antropologia estética e ergologia” da 15ª Reunião bianual da Associação Brasileira de Antropologia.
--	--